

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Disciplina: Seminário Especial (Sociologia da Infância)
Aluna: Patricia Demartini

Contribuições da sociologia da infância: focando o olhar.

Este texto pretende trazer algumas reflexões sobre a discussão da sociologia da infância e levanta algumas considerações sobre as tendências metodológicas nas pesquisas que buscam as crianças como atores sociais. É resultado das interlocuções realizadas no Seminário especial¹ oferecido aos alunos do programa de pós-graduação em educação da UFSC, o qual contou com a participação do professor Dr. Manuel Sarmiento (Universidade do Minho- Portugal), da professora Dr^a. Jucirema Quinteiro (Ced- UFSC), da Professora Dr^a. Nadir Zago (UFSC) e Professor Dr. Maurício da Silva (UFSC), e ainda a participação na defesa da dissertação de Mestrado de Jodete Fullgraf². Inicialmente este texto busca no levantamento das contribuições dos estudos da língua inglesa e da língua francesa a discussão sobre o surgimento da sociologia da infância, recuperando a discussão atual sobre a infância e a necessidade da construção de uma sociologia da infância.

Foram indicados para leitura dois textos³ que contribuiram para melhor conhecer o panorama das produções sobre a sociologia da infância.

¹ Realizado nos dias 30 e 31 de outubro e 1 de novembro de 2001 no auditório do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

² A pesquisa intitula-se: A infância de Papel e o Papel da Infância.

³ MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, Nº 112. Março de 2001, p.33-60.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, Nº 112. Março de 2001, p 7-.

SIROTA (2001) busca em seu texto introduzir o debate sobre a emergência de uma sociologia da infância e contemplar a evolução do objeto e das perspectivas de análise registradas nos anos 90, focalizando a produção em língua francesa.

O surgimento deste objeto de pesquisa, de acordo com SIROTA resulta de diferentes elementos, é marcado pela constatação de carências e de fragmentação do objeto. Diante do que poderia ser uma das primeiras dificuldades da construção do objeto, a autora (p.8) aponta a de *“libertá-lo, por um lado, do implícito, por outro desvinculá-lo do combate militante, para fazê-lo emergir por inteiro no discurso científico como objeto de trabalho”*. Esta dificuldade, como outras, foi emergindo na literatura francesa a partir do surgimento de novos objetos de pesquisa como *“gênero”* ou a escolarização dos filhos de migrantes.

Em relação à concepção de infância, a autora coloca que na sociologia em geral e na sociologia da educação permaneceu a concepção de infância durkheimiana, ou seja, a criança é um *vir a ser*, é considerada um ser futuro, uma pessoa em vias de formação, frágil, delicada.

Esta infância do *vir a ser* passou a ser investigada pelos sociólogos a partir das instâncias encarregadas do trabalho de socialização como a escola, a família, a justiça, etc. Segundo SIROTA (p.9) *é principalmente por oposição a essa concepção da infância, considerada como um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições, que vão surgir e se fixar os primeiros elementos de uma sociologia da infância*. Estes primeiros elementos, para a autora, são resultado de um movimento geral da sociologia que se volta para o ator, influência da redescoberta da sociologia interacionista, das abordagens construtivistas que vão fornecer outras concepções teóricas para a construção do objeto, ou seja, consideram a criança como ator no processo de conhecimento.

De acordo com o levantamento feito por SIROTA (2001), uma das primeiras publicações⁴ em francês *“Infâncias e Ciências Sociais”* que tenta revelar o objeto, expressam claramente um afastamento da concepção de infância durkheimiana, pois *“trata-se de romper a cegueira das ciências sociais para acabar com o paradoxo da ausência das crianças na análise científica da dinâmica social com relação a seu ressurgimento nas práticas consumidoras e no imaginário social”* (p.11) Decorre daí a proposta de Javeau de

“trabalhar para o conhecimento da infância como um grupo social em si, como um povo com traços específico”(p.11), ou seja, defendendo a existência de uma etnografia da infância.

A emergência de uma sociologia da infância, de acordo com a autora, pode ser sinalizada a partir da aparição da noção de “ofício de criança” ou seja, o desafio de levar a sério a criança, rompendo com a sociologia clássica.

MONTADON (2001) fazendo um balanço dos trabalhos sobre a infância publicados em língua inglesa, aponta a emergência de um novo campo de estudos: a sociologia da infância. Parte da perspectiva da infância como uma construção social específica, com uma cultura própria e que, portanto, merece ser considerada nos seus traços específicos. No seu estudo, a autora discorre que, embora, o interesse pelos estudos das crianças existe há muito tempo⁵, a partir de 1980 é que esses os pesquisadores da área vêm sentindo a emergência da discussão desses estudos. As pesquisas sobre as crianças a partir do ponto de vista delas próprias e não o ponto de vista das famílias e dos professores, ainda são poucas, embora o interesse dos sociólogos e outros pesquisadores sobre o tema estejam intensificando-se a partir das últimas décadas.

Para apresentar a diversidade das questões exploradas pelos sociólogos, a autora utilizou categorias estabelecidas por Frones (1994): os trabalhos que tratam das relações entre gerações, àqueles que estudam as relações entre crianças, os que abordam as crianças como um grupo social e os diferentes dispositivos institucionais dirigidos às crianças.

MONTADON observa (p. 36) que os trabalhos do tema sobre “as relações entre gerações”, apresentam uma ruptura com as abordagens clássicas da socialização e adotam a concepção das crianças como atores. Embora estes trabalhos coloquem as crianças em lugar de destaque, são amparados por uma abordagem unilateral da socialização.

Em relação ao tema das “crianças e dos dispositivos institucionais” criados para elas, a autora verifica que os estudos tiveram como objetivo ver se as instituições (escolas, escolas de primeira infância, etc,.) cumprem bem a sua função, ou seja, os estudos desse

⁴ Datada em 1994.

⁵ Segundo a autora, os primeiros trabalhos sociológicos sobre crianças foram nos Estados Unidos na década de 20, os quais estavam relacionadas, entre outros aspectos, com os problemas da infância, trabalho infantil, deficiências mentais.

tema buscam conhecer a influencia dessas instituições sobre as crianças⁶. Estes trabalhos partem da perspectiva que as *crianças são sujeitos e ao mesmo tempo sujeitadas*⁷ nas relações que estabelecem, pois os adultos não são os únicos a criar a realidade nessas instituições, as crianças intervem muito, não são passivas nas relações com os adultos e com o meio que as rodeia.

Os estudos sobre o tema “as relações entre crianças⁸” segundo a autora (p.43): *foram os que mais contribuíram para uma tomada de consciência do interesse por uma sociologia da infância e da inadequação dos paradigmas existentes*. Aponta a realização de várias pesquisas que dão “vozes” às crianças, buscando saber mais sobre as interações, significações, argumentações que as crianças produzem.

MONTADON (p.47) discorre que os trabalhos do tema “crianças como grupo social” *apontam as questões mais controversas, difíceis de resolver, mais cruciais para o reconhecimento de uma sociologia da infância*. Estes trabalhos tentam esclarecer a posição da infância como grupo social e a posição desse grupo nos diversos contextos da vida cotidiana e nas estruturas do poder político e econômico.

Nesse balanço sobre os trabalhos publicados na língua inglesa, a autora coloca que é possível observar que os trabalhos buscam estudar as crianças como seres atuais e não seres futuros.

MONTADON (p.48) coloca ainda, que *a variação de temáticas emergem no momento em que a infância passa a ser considerada como uma categoria sócia que constitui um objeto sociológico em si*”.

Segundo os pesquisadores portugueses PINTO & SARMENTO (1997, p. 33), os estudos sobre crianças, a partir da década de 90, ultrapassaram os campos tradicionais da medicina e da psicologia do desenvolvimento para considerar o fenômeno social da infância. As marcas históricas vão constituir diferentes infâncias, porque não existe uma única, e sim, em mesmos espaços tem-se diferentes infâncias, resultado de realidades que estão em confronto.

⁶ considerando-as como atores

⁷ Este termo foi utilizado pelo Professor Dr. Manoel Sarmento em sua fala no seminário especial.

⁸ Tema que autora chamou também de “o mundo da infância: interações e cultura das crianças”

SARMENTO (1997) chama de *paradoxo da infância* o fato de que nunca se teve tantos direitos construídos ao mesmo tempo em que tem tantas crianças sem os direitos garantidos. Algumas crianças têm seus direitos garantidos, a condição econômica é fundamental para está garantia. A consciência pública já sabe que a criança é *sujeito de direitos*, mas coloca a responsabilidade na família e na sociedade, as quais tornaram-se conformadas e então, submissas. O paradoxo mais uma vez se faz presente, a garantia dos direitos das crianças passa pelos adultos.

SARMENTO (2001) ao analisar as mudanças contemporâneas que implicam no estatuto social da infância, discorre sobre o processo de globalização, o qual tem influenciado diretamente nas diferentes infâncias. Para o autor a infância é globalizada, tanto pelos processos políticos (as legislações que regulam as instituições), pelos processos econômicos com a criação de um mercado de produtos para a infância, como também pelos processos culturais e sociais, ou seja, com a influência dos mitos criados a partir de programas internacionais de televisão e a própria institucionalização dos cotidianos das crianças: a difusão das escolas.

Em relação ao propósito da institucionalização dos cotidianos das crianças, SARMENTO (2001, p. 21) afirma:

Não deixa de ser duplamente paradoxal que a progressiva domicialização do trabalho dos adultos tenha como contraponto a também a progressiva saída das crianças do espaço doméstico, por efeito da institucionalização dos cotidianos e tempos de vida, e que a permanência das crianças em instituições (a escola, sobretudo) tenda a tornar-se muito mais estável do que a presença dos adultos num emprego. Por efeito da mobilidade existente e do desemprego. Há desse modo, como que uma troca de posições entre gerações”.

Em sua fala durante o Seminário Especial SARMENTO expôs que o instrumento fundamental para a institucionalização da infância foi a criação da escola pública, em particular da escola de massas, isto é, da escola orientada para todos e para todas. A criação da escola seguiu um modelo universal, ou seja, independente das variações políticas, dos contextos geográficos, apresentando-se com características muito similares em todo o mundo.

Nesse sentido, ROCHA (1999, p.43) em estudo sobre a trajetória das pesquisas no Brasil levanta este mesmo ponto, ou seja, que a modernidade inaugurou a educação da

criança em outros espaços, agregando a esta educação um caráter mais institucional e normalizador, as instituições educativas passam a justificar sua atuação com base em princípios científicos voltados para o enquadramento e o controle social.

Nesse mesmo estudo, ROCHA (1999. p.135) aponta que nesta perspectiva de enquadramento social, baseada em sujeitos idealizados e contextos naturalizados ou concretizadas em pesquisas que privilegiam o indivíduo e o estabelecimento de padrões de desenvolvimento e aprendizagem, vem cedendo lugar nestes anos noventa a uma pesquisa que cada vez mais leva em conta em suas abordagens às dimensões contextuais do seu objeto estudado.

A autora aponta que principalmente no final deste século a delimitação da infância por um recorte etário definido por oposição ao adulto pela pouca idade, pela imaturidade ou pela integração inadequada está sendo contestada. Começando a surgir um outro conceito de criança, através da contextualização, da heterogeneidade e da consideração das diferentes formas de inserção da criança na realidade, o que representa um novo momento na modernidade.

Em sua tese de doutorado QUINTEIRO (2000) coloca que as sociedades, em geral, organizam-se centradas nos adultos ao invés de pensar também nas necessidades das crianças. A escola que é o *lugar de criança* acaba por apresentar-se como a responsável em transmitir as normas da sociedade a qual está inserida e assim também contribui na determinação da infância e dos limites etários:

“ Como a própria infância se tornou uma categoria social e intelectual, os estágios da infância, tornaram-se visíveis. Os estágios da infância foram inventados pelos professores ao definirem ‘noções do que uma criança pode aprender ou deve aprender, e em que idade, foram em parte derivadas do conceito de currículo seriado: isto é, do conceito de pré requisito’ QUINTEIRO (2000, p. 31): ”.

A escola fundamental faz com que a criança deixe de ser criança para ser aluno, deixe de brincar para aprender ou “construir” conhecimentos considerados culturalmente essenciais, e enquanto isso, as crianças são introduzidas em um mundo estranho e adultocêntrico. Neste sentido, torna-se menos importante conhecer quem são as crianças que freqüentam as escolas, as diferentes culturas, os diferentes contextos; fazendo com que a responsabilidade pelo fracasso escolar recaia sobre o aluno ou sobre o professor que teve

uma precária formação. A escola, em geral, trata as crianças como se todas fossem iguais e deveriam aprender da mesma maneira e além disso,

*“quando se convive com o cotidiano de diferentes escolas, como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e dos tempos, as comemorações de datas cívicas, as festas de expressões corporais etc. **Mudam as culturas sociais de referência, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se auto-construir independentemente e sem interagir com estes universos. É possível detectar um congelamento da cultura da escola que, na maioria dos casos, a torna estranha aos seus habitantes.**” (CANDAUI, apud QUINTEIRO, 2000, p. 3)*

A autora em sua fala no Seminário Especial aponta a necessidade de ajustar o foco para além da psicologia do desenvolvimento e para a construção de uma sociologia da infância no Brasil, para buscar conhecer mais sobre as culturas infantis, sobre como brincam as crianças, sobre as relações que estabelecem com os pais, com a escola, com a cidade, etc. Nesse sentido, coloca que é preciso reinventar novos métodos de investigação para conhecer mais sobre as crianças, sugere o uso do vídeo, diário das crianças, genealogias (levantamento das articulações com as famílias para conhecer as histórias de vida), análise pictórica, ou seja, apelo à imaginação metodológica a partir do compromisso com uma idéia de infância como construção social.

SILVA (2001) em sua tese de doutorado intitulada *Assalto à Infância no Mundo amargo da Cana-de-açúcar: onde está o lazer/lúdico? O gato comeu?* busca conhecer o usufruto do tempo de lazer/lúdico das crianças trabalhadoras da zona da mata canavieira de Pernambuco. Desenvolve a análise dos dados partindo da discussão sobre a hipótese que o trabalho infantil rouba a infância ou a torna precária. Discute as relações entre trabalho e lazer, trabalho e tempo livre, e lazer/lúdico na infância das crianças trabalhadoras. Trazendo ainda, muitas reflexões sobre o trabalho infantil diante da perspectiva neoliberal, a globalização e o modo de produção capitalista.

A partir dessas contribuições dos autores sobre as pesquisas e as discussões sobre a infância, observa-se que as crianças estão presentes desde o início da humanidade, no entanto a infância enquanto uma categoria social vem sendo construída no decorrer da

história, desse modo, o *sentimento de infância* não é uma condição natural, mas é uma condição criada pela história, enquanto que, o ser criança possui uma origem natural e biológica - não depende da posição social, da cultura ou gênero, é um efeito exclusivo da idade. Nesse sentido a infância, o ser criança varia de sociedade para sociedade, e mesmo dentro de uma mesma sociedade encontram-se diferenças. O ser criança é diferentemente vivido, depende do sexo da criança, da raça, da classe social, etc.

Para os educadores e pesquisadores preocupados com a construção da pedagogia da infância e da pedagogia da educação infantil a discussão sobre a sociologia da infância torna-se extremamente pertinente à medida que traz a criança concreta e real, ou seja, contribui para saber mais sobre os diferentes modos de vida das crianças, as diferentes infâncias, as culturas infantis, sobre como vem sendo a institucionalização das infâncias, como também está sendo a falta da institucionalização. Para sabermos mais sobre as crianças, surgem as propostas de descentralizar o olhar do adulto, ou seja, “dar voz” a estas crianças. Mas como ouvir crianças? quais os recursos metodológicos para se garantir a cientificidade? Como deve ser a relação adulto-pesquisador e criança-sujeito? No caso das crianças que não falam, como saber mais sobre elas? Como fazer a recolha da voz das crianças respeitando princípios éticos, sendo que estes princípios ainda estão em construção? Outro desafio é o próprio tempo, como fazer pesquisa etnográfica com este tempo de pesquisa?

As pesquisas indicam cada vez mais a necessidade de uma sociologia da infância, a fim de instrumentalizar os pesquisadores, para dar “vozes” às crianças, ou seja, saber mais sobre o que gostam, o que desejam, o que pensam, etc. A sociologia da infância está sendo construída. É um movimento de ida e vinda aos diversos campos disciplinares, sendo que , o ponto comum é o desafio metodológico, pois temos a clareza que não podemos avançar na construção de uma pedagogia sem conhecer as crianças. A possibilidade de afirmar uma pedagogia da educação infantil e da infância está na posição de conhecermos as crianças, sendo que uma grande dificuldade está com as crianças pequenas, as quais ainda não desenvolveram a linguagem oral, embora a comunicação não se dá apenas pela via da elaboração da linguagem oral, mas sim pelas várias linguagens e nesse caso não temos ainda uma metodologia e ainda os instrumentos utilizados têm enfrentado questionamentos enquanto a cientificidade. Talvez um caminho seja a construção de grupos

multidisciplinares de estudos e pesquisas, no Brasil não temos esta tradição. Frentes de pesquisa e grupos de pesquisas representam um horizonte no sentido de construir uma trajetória de pesquisas e a própria continuação dessas.

Partindo destas discussões sobre criança, infância, pode-se avançar na reflexão sobre a formação do profissional de educação infantil, ou seja, conhecer as crianças e as diferentes infâncias torna-se fundamental quando se fala em formar professores e professoras para trabalhar com crianças de 0 a 6 anos de idade. Como a metodologia de pesquisa está em construção, essa prática de formação também vem sendo construída. São caminhos novos que apontam para uma qualidade no atendimento institucionalizado das crianças.

BIBLIOGRAFIA

- PINTO, Manoel; SARMENTO, Manoel Jacinto (Org). *As Crianças e a Infância: definindo conceitos, delimitando campos*. In: **As crianças: contexto e identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.
- QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e Escola: uma relação marcada por preconceitos**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação (Tese de Doutorado), 2000.
- MONTANDON, Cléopâtre. *Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa*. **Cadernos de Pesquisa**, Nº 112. FCC, São Paulo - Março de 2001, p.33-60.
- ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A Pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999.
- SILVA, Maurício Roberto. **O Assalto à Infância no Mundo Amargo da Cana-de-açúcar: onde está o lazer/lúdico? O gato comeu?** Tese de Doutorado. Campinas:UNICAMP, 2000.
- SARMENTO, Manoel. *A Globalização e a Infância: impactos na condição social e na escolarização*. In: GARCIA, Regina Leite & LEITE Aristeo Filho (orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DPEA, 2001, P. 13 – 28.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, N° 112. FCC, São Paulo, Março de 2001, p 7-31.